

A POLÍTICA DE ESTADO E O TRABALHADOR NORDESTINO NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

Autor (a): Cosma Silva de Araújo¹

Orientador: Prof. Dr. Samuel Carneiro de Mapeou²

Resumo: a construção de Brasília fez parte de um grande projeto da conjuntura nacional desenvolvimentista proposta pelo Governo Juscelino Kubistchek. De acordo com Ribeiro (2008), a ideia da transferência da capital não é nova, contudo, JK tomou para si o desafio e a aventura de tal empreitada. Dentro do Plano de Metas do governo ela representou sua meta-síntese. Objeto de muitas críticas, a ideia da mudança da capital para o Centro – Oeste foi tomada pelo Estado como um anseio da nação que o mesmo vinha apenas implementar. Assim, a propaganda em torno da “terra prometida” logo se espalha pelo Brasil, incentivando a migração de milhares de trabalhadores para se engajarem no trabalho da construção civil. Como resultado da propaganda em torno da nova capital, o território começa a receber milhares de trabalhadores de todas as regiões do país. Um fator que contribuiu para a migração dos trabalhadores foi a seca de 1958, ocorrida no Nordeste, e é exatamente neste ano que se percebe a saída de muitos trabalhadores da região noroeste do estado do Ceará para Brasília. Neste sentido, nossa pesquisa visa analisar as memórias dos trabalhadores do Distrito de Araquém-Coreaú- CE acerca do processo de inserção no trabalho em Brasília, buscando entender como foi construída a política de Estado para receber, selecionar e contratar essa leva de trabalhadores que migraram para o planalto central. Palavras – chave: Trabalhadores. Construção de Brasília. Memória.

1. Brasília, um projeto de identidade nacional

O objetivo desse texto é apresentar o contexto da construção de Brasília, sendo esta resultante de intenções políticas, econômicas e ideológicas. Propomos apresentar os discursos de legitimação da construção da cidade dentro da conjuntura nacional desenvolvimentista, bem como mostrar como os trabalhadores de Araquém se inseriram nesse projeto, no contexto da seca de 1958, uma vez que é nesse ano que se percebe o aumento da política do Estado para controlar o perfil de trabalhadores que adentravam o território da construção. Utilizaremos para essa reflexão Ribeiro (2008), Sousa (1983) e Silva (2010).

O governo de Juscelino Kubistchek (1955-1960) marcou a política econômica do Brasil através do seu plano de governo intitulado *Plano de Metas*, com o lema “50 anos em 5”. Neste sentido, a construção de Brasília representou sua meta síntese. O território em que veio a ser a construída a nova capital logo se tornou um lugar atrativo para muitos brasileiros que buscavam, sobretudo, por trabalho.

Segundo Sousa (1983) a relação entre a construção de Brasília e o modelo de desenvolvimento proposto por Juscelino Kubistchek “corresponde a uma nova orientação da política governamental, consubstanciada no papel que passou a ter o Estado como definidor

¹ Mestranda em História e Culturas, pela Universidade Estadual do Ceará, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior- CAPES. E-mail: cosmaaraujo@hotmail.com

² Docente do Programa de Pós- graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará- UECE.

de uma política econômica capaz de provocar o crescimento acelerado da economia”. (1983, p. 31).

Entender as especificidades da construção de Brasília e o cotidiano dos trabalhadores implica pensarmos em questões fundamentais desenvolvidas por Gustavo Lins Ribeiro, em sua obra *O Capital da esperança: a experiência dos trabalhadores da construção de Brasília*, ele a entende enquanto uma concretização de uma *ideologia de grande projeto*: “A grande obra é fruto de uma decisão do Estado que acaba por implicar uma articulação ideológica legitimadora da necessidade da sua construção. Todo grande projeto tem a sua história em termos ideológicos.” (2008, p. 35). De acordo com o autor, Brasília representou um antigo projeto de interiorização do país que remonta ao período colonial. A ideia da transferência da capital para o interior também já aparecia na constituição de 1881. Esse objetivo perpassou também o período de (1930-45) através da marcha para o oeste. Em todas essas conjunturas, o argumento era atribuir a terras improdutivas valores econômicos.

Desse modo, a transferência da capital para o interior, além de obedecer ao movimento de interiorização, propôs a integração de diferentes regiões do país, “mostrava-se como o limiar de duas etapas: A integração do Centro – Oeste à economia nacional e o início da penetração da Amazônia em larga escala” (2008, p. 33) ligando-a ao Norte e Nordeste ou Centro Sul, através das vias “Belém- Brasília, Brasília – Fortaleza, Brasília – Acre, Brasília – Belo Horizonte, Brasília –Rio de Janeiro, Brasília-São Paulo-Porto Alegre)” (2008, p. 37).

Segundo Sousa (1983), a proposta desenvolvimentista do governo JK integra o processo de internacionalização da economia brasileira, deixando a proposta nacionalista apenas a nível ideológico. Por outro lado, a construção da capital assumia dentro do plano de governo o caráter simbólico das metas.

Conforme apresenta Ribeiro (2008), todo o esforço discursivo do Estado e de sua propaganda em torno da construção de Brasília desemboca na legitimação da construção da cidade enquanto um objetivo da nação brasileira. De modo que a construção e a transferência da capital aconteceram de forma que a propaganda em torno dela a colocasse como uma anseio da população, e que o Estado vinha apenas implementar:

Nesse sentido, destacaram-se duas intenções: 1) neutralizar a atuação da oposição política, pois propugnar contra a construção seria estar contra um projeto nacional e, portanto, ser antibrasileiro; 2) aumentar a dedicação dos trabalhadores, expressa pelo aumento da intensidade do trabalho (o que fica mais claro quando mais próxima a data da inauguração), algo que seria resultante do reconhecimento de que estavam participando de um grande projeto de redenção nacional. (RIBEIRO, 2008. p. 39).

Segundo o autor, é por essas questões que as narrativas acerca da construção e transferências da capital devem ser entendidas como resultados da fusão de elementos advindos tanto da conjuntura nacional desenvolvimentista, quanto da articulação explícita de “momentos, processos e personagens da história brasileira que possibilitou a arcabouço de um quadro legitimador” de modo que o próprio estado organizou “Conferências, exposições, seminários, caravanas de integração nacional são algumas das promoções oficiais tendo como *leitmotiv* a “nova era que instauraria Brasília”, realização da “nacionalidade Brasileira”. (2008, p. 46).

Conforme Ribeiro (2008) o estado criou uma empresa que ficou responsável pela realização e gerencia de toda a obra, está se chamou Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), aprovada pela “lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956, que a constituiu, foi fruto de articulações políticas para que se pudesse contar com uma empresa vinculada ao poder executivo com a maior autonomia possível. ” (p. 47-48). A empresa criou inclusive inclusive sua própria polícia, espécie de guarda que ficou conhecida como Guarda Especial de Brasília- GEB.

Ainda de acordo com Ribeiro (2008) a primeira fase da construção da cidade foi a preparar os meios necessários para receber os migrantes, devido alto volume da obra, logo surge um público em busca de emprego e salários para se engajarem em um trabalho temporário, e o marco dessa temporalidade é inauguração da obra. Para Sousa (1983) a ida de trabalhadores para Brasília em busca de trabalho era a esperança de uma oportunidade de fixação. Assim, os trabalhadores que adentraram ao território da construção passaram a fazer parte desse projeto de “nacionalidade” que iria mudar o rumo da história do Brasil e seus próprios.

Lembremos aqui das frases escritas em 1959 pelos trabalhadores nas paredes do Congresso Nacional: “*Só temos uma esperança nos Brasileiros de amanhã. Brasília de hoje, Brazil amanhã*”³. Diante da multiplicidade das interpretações que as frases sugerem, podemos observar um desejo de transformação social e Brasília representaria a materialização dessa mudança: “Os aventureiros possuíram uma cidade que depois da inauguração lhes foi tomada. Durante a construção, uma outra cidade lá existia: a sociedade dos que constroem o novo. O produto do trabalho de pioneiros e candangos que lhes ficou estranho. ” (SILVA, 10.p.75).

³ Frases escritas pelos trabalhadores em 1959, nas paredes do subsolo do Congresso Nacional, encontradas em 2011.

O vídeo institucional “*As Primeiras imagens de Brasília*”⁴ produzido pela Atlântida e Jean Manzon Filmes, gravado com o intuito de exaltar e divulgar a construção da Capital e outras obras do governo, possui uma estratégia narrativa que visa dar àquele empreendimento um caráter épico, a começar pela trilha sonora. Acompanhando as imagens, há uma narração que se refere a Brasília como um grande empreendimento nacional: “De Brasília se pode falar com palavras felizes do Cardial Arcebispo de São Paulo, como “*a noiva do Brasil*”, a “*arvore da vida nacional, plantada no Planalto Central*”, a ela acrescentam-se outros adjetivos como “épica aventura” e “cidade redentora”. As imagens divulgam Brasília, de modo a convencer o público que era um empreendimento que não correspondia apenas ao plano das ideias, mas das ações, a cidade que se concretizavam em “ritmo acelerado”.

Entre tantas imagens que se apresentam, uma nos chamou a atenção: em meio às imagens que apresentavam as características do solo para fins agrícolas, eis que surge a imagem de um homem que toma banho em um banheiro feito de madeira (estacas) acompanhado da seguinte narração: *um banheiro tosco, improvisado no campo, pelo chapéu, lá dentro se encontra um nordestino, sim, porque às vezes, quem vê chapéu vê a cara.*

Neste sentido, acreditamos que o uso estratégico da figura do nordestino em meio a várias outras imagens se dá pela necessidade de colocar a obra como um desejo de todos, e que aquela que acabara de se iniciar já diminuía as distâncias regionais, e o caráter improvisado da habitação não era empecilho para o trabalhador aventureiro vencer a “épica aventura” que era a construção da capital. Acreditamos que o vídeo em questão também parece ressaltar a rusticidade/precariedade da mão-de-obra nordestina.

Essa imagem do retirante atrelado ao trabalhador que apresenta o chapéu como símbolo da identidade nordestina também aparece em matérias de jornais que criticavam a construção de Brasília. Vejamos por exemplo a matéria do *Estado de São Paulo* intitulada “*Brasília que não será inaugurada*” faz críticas ao caráter improvisado da obra—e à precariedade dos serviços, principalmente os problemas da “cidade livre”⁵. Nela, há várias imagens da infraestrutura insipiente da cidade e das feiras no mercado. Apresenta ainda imagens de trabalhadores que se aglomeravam nas proximidades da cidade: “*Flagrante colhido no largo fronteiro ao mercado onde se observam os mais diversos tipos, cuja procedência, no caso, se pode precisar pelo chapéu de cada um deles*”.

Outra imagem que compõe a reportagem se refere a um grupo de “nordestinos recém-chegados à Brasília, descansam nas proximidades da sede da NOVACAP à espera de

⁴ Disponível no Arquivo Público do Distrito Federal—ARPDF.

⁵ Primeiro Núcleo comercial de Brasília, conhecida atualmente como Núcleo Bandeirante.

emprego”. Essas imagens de trabalhadores chegando à cidade são frequentes em diferentes matérias de jornais da época e a maioria delas se refere a retirantes nordestinos. Isso se explica pelo deslumbramento que Brasília despertava em muitos trabalhadores, mas também porque o Nordeste passava no período por uma grande seca nas cidades que compõe o “*polígono das secas*”.

A revista *Visão*, em 9 de outubro de 1959, lança uma matéria de capa com o seguinte título: “*O pesadelo da conformidade: como se padroniza metas, mentes e sonhos*”, a matéria analisa os efeitos da seca de 1958 ocorrida no Nordeste e aponta que “dos 2,5 milhões de nordestinos atingidos com a seca de 1958, 200 mil abandonaram o polígono”. Tornando –se migrantes para outras regiões do País, do município de Coreau, por exemplo, saíram várias pessoas para trabalharem na borracha, nas amazonas e para Brasília.

A construção de Brasília foi fruto de muitos debates que de acordo com Silva (2010), estavam respaldados argumentos da propaganda mudancionista⁶ que justificavam a modernização da sociedade brasileira e encontravam seu grande símbolo na construção da cidade, “Fortalecia-se a ideia de que a renovação do Brasil era possível e de que o melhor instrumento para isso era a nova capital. ” (SILVA, 2010, p. 71). Não é por acaso que “a memória dos homens e mulheres que construíram Brasília está impregnada pela representação da aventura” (SILVA, 2010, p. 76). Vejamos um trecho da reportagem acerca dos migrantes que chagavam a Brasília publicada pelo Jornal *Folha da Noite* (13/08/1958), com o título *Chegam a Brasília 90 pessoas por dia*:

FICAR RICO ATÉ 1960

O número dos habitantes atuais de Brasília - 45.000 - é um total jamais imaginado pelos mais ardorosos apologistas da nova Capital Federal. Essa grande afluência de moradores deve-se à atração que Brasília exerce sobre pessoas dada à aventura - uns jogando tudo o que têm, outros não tendo nada a perder - e pensam mudar de vida, num lance decisivo. Na “Cidade Livre” onde vivem essas pessoas, a ordem é “enriquecer até 1960”. [...] De modo geral todos os moradores de Brasília são entusiastas sobre o futuro de Brasília.⁷

1.2 Funções do Instituto Nacional de Imigração no contexto da seca 1958

A nova Capital começou a ser construída em 1957, atraindo milhares de brasileiros ao seu território. Contudo, foi apenas no ano de 1958 que se percebeu o fluxo migratório de trabalhadores de Araquém para a cidade. Esse ano, como vimos o Nordeste passava por uma seca. Percebemos que muitos fatores contribuíram para a saída desses homens de Araquém,

⁶Segundo a autora, acerca da construção de Brasília, foram construídos vários discursos que podem ser divididos em dois grupos: os mundancionistas e os antimudancionistas, os primeiros que defendiam o progresso e o segundo formados principalmente pelos opositores do Governo que acreditavam ser a construção de Brasília uma grande loucura uma ato irresponsável que traria muito prejuízos ao País.

⁷ FOLHA DA NOITE. 13/ 08/ 1958.

muitos se aventuravam sem grandes garantias. Mesmo considerando vários fatores, a seca é o elemento comum em todas as narrativas, as migrações desses trabalhadores aconteciam de forma não muito planejada.

Vejamos quais as motivações dos trabalhadores para tentar a vida na futura capital. O Sr. José Portela ao falar sobre sua decisão de migrar evidencia as dificuldades de conseguir trabalho em Araquém e aponta para os discursos que apresentavam Brasília como um lugar bom-e fácil de conseguir trabalho: *“Mas tudo era difícil pra gente, serviço... tudo era difícil pra gente aqui, aí o jeito era ir a Brasília, diziam que lá era bom! Era bom! Era boa! A gente foi, né.”*⁸

Na justificativa do Sr. Carlito Cardoso, podemos observar um sentimento de aventura e curiosidade de conhecer o novo. Ele afirma que a decisão de migrar se deu por conta da seca, mas reconhece o incentivo e a empolgação dos outros trabalhadores serviram como motivador para sua saída: *“pela folia mesmo! A folia... e também a gente conhecia, né! A gente conhecia. A gente vive só num lugar só, né! A gente andava também, né.”*⁹ Já o Senhor Domingo atribui a sua decisão à questão financeira.

Cosma: E assim, porque que vocês resolveram viajar pra lá?

Rita: Para ajudar a família dele.

Domingo: Resolvi porque estava aqui parado sem fazer nada e precisava do dinheiro.

Rita: Os pais deles tinham condições de dar de comer ele, o negócio é que eles queriam ganhar dinheiro.¹⁰

A explicação de Dona Rita, esposa do Senhor Domingo Albuquerque, se aproxima da explicação da Tamizinha, esposa do Senhor Carlito Cardoso, quando fizemos a ele essa mesma pergunta, ela acrescenta essa reflexão.

Às vezes por animação dos outros mesmo, né, as pessoas se animam e vão, por que precisão mesmo ele não tinha. Eu digo assim, essa necessidade de precisão das coisas, porque tudo ele tinha, mas o negócio é quando se arrumam, começam se arrumar e as pessoas que querem ir animam e as pessoas vão por animação.¹¹

O Senhor Benedito Moreira afirma que na década de cinquenta havia poucos moradores em Araquém, e que muitos desses, principalmente os homens, se aventuraram em Brasília. Ele define a seca como motivadora para a decisão de migrar, recorda-se que seu pai,

⁸ José Gerardo Portela. Ex- servente da Firma PACHECO. Entrevista realizada em 05/01/2013 na sua residência, no distrito de Araquém- CE.

⁹ Carlito Cardoso. 78 anos, agricultor, ex- servente da Construtora PACHECO Fernandes Dantas, no Distrito Federal. Entrevista realizada em 28/08/2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

¹⁰ Domingo Teles de Albuquerque, 70 anos. Coreauense, agricultor, ex- servente da Construtora PACHECO, no Distrito Federal. Entrevista realizada em sua residência em Araquém, 05/06/2013.

para poder viajar, precisou vender um terreno e deixar dinheiro com a família para que ela pudesse passar pela seca sem grandes necessidades.

A seca de 58, num tinha como a gente sobreviver aqui, né! Só ficou as mulheres aqui, os homens foram embora tudinho. Ficaram só as pessoas mais velha, até o papai foi. Ele foi obrigado a vender um terreninho aqui nos Angicos pra puder viajar e conseguir verba e deixar pra família comer, né, pra num deixar com fome, né!¹²

A seca como elemento motivador também está presente na explicação do Senhor João Raimundo Vasconcelos. Ele soube da construção de Brasília através de seu tio que morava em Parnaíba-Piauí. Antes de mudar para Parnaíba para trabalhar na oficina do seu tio, ele se alistou na obra da construção da estrada do município de Granja. Ele afirma que quando passaram as eleições de 1958, em que o candidato a prefeito Deusdete Gomes perdeu a disputa eleitoral, dispensou-se o encarregado pela obra, o trabalho parou e os trabalhadores foram dispensados.

De acordo com Neves (2000), a década de cinquenta acentuou uma “política de fixação do homem a terra”, política esta que já vinha se constituindo desde início do século e ganha novos significados, pois a retirada dos sertanejos passa a representar um declínio no controle político local sob os eleitores. E “a solução hidráulica”, baseada em construção de obras públicas para ocupar os retirantes e mantê-los próximos aos locais de origem, passa a ser utilizada como meio de manipulação política na distribuição de empregos e nas vagas para alistamentos nas obras, onde estabeleciam-se privilégios aos pares políticos.

Depois que ficou sem trabalho o Sr. João, foi morar com seu tio em Parnaíba e só depois que chegou à cidade ficou sabendo da construção de Brasília. Ao se lembrar desse detalhe, ele afirma que foi uma decisão repentina: “vamos dizer assim, foi vinte e quatro horas, as vinte e quatro horas que eu escutei aquele som que eu podia ir pra lá foi que eu comecei entoar, mas antes eu não entoava não”.¹³

[...] a gente só já trazia o sofrimento daqui, da seca, e lá eu trabalhando, mas era assim, aquela tristeza e tudo em Parnaíba. Aí quando o tio Alfonso falou assim: *Tá João, esse velho aí tá pegado passageiro pra levar pra Brasília, ele quer logo é a pessoa, não quer saber de dinheiro não, lá eles se cuidam*”, que já fichava pra no primeiro pagamento, três pagamento que a pessoa tirava já era descontado. Sei nem quanto era que era cobrado de passagem, ele recebia lá no escritório. Ele tinha um contato lá com a firma que aquela importância daquela pessoa ele ia buscar, a gente quando recebia o pagamento era descontado.

¹² Benedito Teles Moreira. Ex- carpinteiro da Firma PACHECO. Entrevista realizada em 28 de Agosto de 2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú-CE.

¹³ João Raimundo Vasconcelos. Agricultor, ex- servente e ex-carpinteiro da Construtora PACHECO Fernandes Dantas, no Distrito Federal. Entrevista realizada, em 27/01/2013 em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

Os trabalhadores de Araquém tiveram conhecimento da construção da capital através de parentes que moravam em Parnaíba (PI). Durante o período de uma semana, ficavam na casa de seus familiares à espera do transporte. Não só o Sr. João, mas o grupo se inseria em Brasília através de um senhor chamado Firmo Teles, que era dono dos caminhões “pau de arara” que viviam entre idas e vindas entre Parnaíba e a Brasília. Na viagem, arriscavam-se passando por inúmeras dificuldades, em um meio de transporte altamente irregular e desconfortável.

Lá chegando, eles eram levados diretamente para o escritório da Firma Pacheco Fernandes Dantas, onde eles tiveram suas maiores experiências de trabalho. Como vimos na fala do senhor João, já chegavam endividados, pois parte do seu primeiro salário era para pagar a passagem ao motorista. Assim, o processo de inserção nos trabalhadores aconteceu de forma não muito diferente para os trabalhadores de Araquém.

Para Sousa (1983), o recrutamento de trabalhadores para a construção civil acontecia de acordo com a lei da oferta e da procura, quando havia pouca oferta de trabalho acontecia a “venda de operários”, ou seja, donos de caminhões solicitavam as empresas o número de operários desejados e iam buscá-los no local de chegada dos migrantes, no Núcleo Bandeirantes. Quando não os encontravam, partiam para as cidades do Nordeste com o intuito de arregimenta-los. Estes mecanismos se tornaram um empreendimento lucrativo para os motoristas que recebiam uma quantia em dinheiro tanto da firma como dos operários, “Quando a demanda por trabalho se retraía, a polícia vigiava as estradas da cidade, permitindo acesso apenas aos possuidores de documentação do INIC¹⁴ ou da NOVACAP¹⁵ (LUZ, 1967, p. 65, citado por SOUSA, 1983).

De acordo com Ribeiro (2008), quando havia necessidade de um grande número de trabalhadores, o afluxo organizado de grupos de trabalhadores podia ser efetuado pelas próprias firmas construtoras: “Estas, quando não competiam entre si mediante a oferta de salários mais altos, o que obviamente tinha limite, envolviam-se no recrutamento de operários fora do território da construção.” (2008, p. 92.) Este envolvimento direto das companhias no recrutamento fora do território da construção aponta para interesses das empresas, especialmente por trabalhadores qualificados.

Contudo, os trabalhadores de Araquém eram de origem rural, não possuíam experiência de trabalho na construção civil, salvo algumas experiências na construção de estradas e açudes, como foi o caso do Senhor João Raimundo. Muitos nem mesmo possuíam

¹⁴ Instituto Nacional de Imigração e Colonização (Inic).

¹⁵ Companhia Urbanizadora da Novacapital-NOVACAP.

documentos e nem carteira de trabalho, o que os faz pensar que os trabalhadores de Araquém podem ter adentrado em Brasília, através de “gatos”. Os senhores Domingo e Carlito até hoje guardam suas primeiras carteiras de trabalho, emitidas pelo Ministério do Trabalho em Parnaíba. A carteira do senhor Domingo possui a profissão de servente e a do senhor Carlito possui a seguinte informação: “trabalhador braçal”.

É importante considerarmos que os sujeitos dessa pesquisa no período possuíam entre 18 a 21 anos, eram muito jovens e todos eram solteiros. Uns foram por curiosidade, motivados pelo sentimento de aventura, venderam o que tinham, movidos sobretudo, pela necessidade de ganhar dinheiro e ajudar a família que passava por dificuldades com a seca no Ceará. Em Brasília, assumiram funções de serventes, carpinteiros, pedreiros etc.

Para entender o processo de chegada, recrutamento e seleção dos trabalhadores, é importante nos remetermos ao que Ribeiro (2008) classificou como afluxo desorganizado e afluxo organizado.

O Afluxo desorganizado é aquele que a decisão de ir para o território foi tomada pelo indivíduo sem a presença de um aliciador de mão de obra. Ao mesmo tempo, esta categoria significa que o trabalhador tomou conhecimento da construção por outras vias extra propaganda governamental, o que relativiza a importância desta e chama a atenção para redes sociais mantidas pelos trabalhadores. Já o afluxo organizado o trabalhador tem como mediador da sua trajetória um aliciador de mão-de-obra, uma empresa particular ou um órgão governamental com as mesmas funções. É encaminhado ao território da construção por um órgão do Estado com funções explícitas de regularizar a formação e composição da força de trabalho dentro dos limites da produção do grande projeto e sob cujo controle o trabalhador pode permanecer desde a saída do seu local de origem até sua chegada e ingresso na unidade produtiva. Além disso, o indivíduo se inteira da presença da construção e das suas oportunidades com órgãos governamentais ou as empresas de construção particulares, nas quais já trabalha ou não, que o transferem para a área. (RIBEIRO, 2008, p. 78).

Para o autor, percebe-se que a repressão ao afluxo de trabalhadores não-qualificados se deu a partir de certo momento passaram a formar no território um excedente de força de trabalho. O interesse por trabalhadores fora do território da construção, pode ter sido o motor da forma de afluxo organizado, o que possibilitava o tráfico de trabalhadores, que implicava a mediação concreta de aliciadores profissionais. Ainda para o autor foi a partir da seca de 1958, a articulação no controle do operariado, entre a Novacap, companhias particulares e o Instituto Nacional de Imigração e Colonização- Inic, apareceu claramente, ao mesmo tempo em que facetas relativamente ocultas do recrutamento e da seleção realizados por este órgão se intensificaram.

Cabe evidenciarmos as funções desempenhadas pelos órgãos do Estado que tinham as atribuições de regularizar e fiscalizar o afluxo de trabalhadores desde a seleção, chegada e

inserção deles na atividade produtiva, “Sendo dois órgãos do Estado vinculados diretamente ao desempenho da obra, articulavam seus serviços em termos das necessidades da construção da nova capital”. (RIBEIRO, 2008, p. 88). Ainda para o autor, o INIC contava com Postos de Colocação, Postos de Distribuição e Hospedarias de Trânsito que atuavam no atendimento e encaminhamento de trabalhadores, eles estavam localizados estrategicamente próximos a pontos rodoviários e ferroviários. Para desempenhar suas funções, o órgão atuava em conjunto com a Novacap, e contava com um Posto Auxiliar em Anápolis, assim “Aqueles que chegavam através desta cidade Goiana, já haviam passado por uma triagem inicial e vinham de certo modo encaminhados.” (2008,p. 85). Podemos perceber o controle exercido por esses órgãos a partir das matérias a seguir.

Notícia de Goiânia anuncia que não está sendo permitida entrada de flagelados nordestinos em Brasília. [...] Essa providência visa proibir a avalanche de pessoas e a construção de favelas, bem como a invasão de lotes da Novacap. Centenas de famílias estão ao relento, proibidos de ingressos na área de Brasília. [...] os flagelados chegam nas proximidades da área da Novacap e encontram soldados armados que lhes impedem a entrada.¹⁶

Vejamos esse outro exemplo:

Impedidos de Chegar a Brasília OPERÁRIOS que se dirigem a Brasília em busca de emprego estão sendo obrigado a voltar antes mesmo de chegarem ao destino. A polícia da Novacap, sob alegação de que ali não há mais vagas os compele a descer do ônibus e ficarem na estrada, em dificuldades para encontrar lugar em conduções que regressam- veio informar a O GLOBO o Sr. Francisco de Oliveira Rocha, proprietário de uma frota de coletivos da linha Goiânia-Brasília, via Anápolis.¹⁷

Ribeiro (2008) aponta que os trabalhadores que viessem tanto por meio do afluxo desorganizado quanto do afluxo organizado submetiam-se igualmente ao Inic nas suas funções de seleção, documentação e inserção na atividade produtiva. Outro momento em que se aumentou o controle na seleção e recrutamento dos trabalhadores foi quando se percebeu o aumento dos números de trabalhadores que entravam em famílias no território da construção. Ficando nítido o tipo de trabalhador apto a trabalhar em Brasília: “[...] requerer trabalhadores com algum treinamento anterior e livres de impedimentos, como uma família no local (basicamente pelas implicações relativas à habitação e fixação destes grupos)”. (2008. p. 90) Vejamos a seguir, as regras da NOVACAP para os trabalhadores que desejavam entrar na cidade:

Chegam a Brasília diariamente, PARA FICAR, 90 pessoas.

Chegam a Brasília diariamente, PARA FICAR, 90 pessoas, 2.700 por mês. Só tem têm ingresso aqui, ainda assim, os solteiros, ou casados, que vêm sem

¹⁶A HORA, São Paulo, 14/07/ 1958).

¹⁷O GLOBO, 31.07/1958).

família. Caminhões de mudança não entram na cidade a não ser que o chefe da família seja portador de um documento que prove ter ele trabalho e casa arrumados em Brasília. O homem deve vir só, identificar-se, conseguir trabalho e alojamento: só então terá ordem para trazer os seus. Esse rigor foi estabelecido pela NOVACAP após o aparecimento de um grave problema: levadas de imigrantes invadiam a área da futura capital provocando a formação de quistos de favelas. Numa semana entraram nessas condições, 3.000 pessoas e formou-se o bairro da “Invasão”, contra o qual foi necessária a força. Apesar de tudo já existem barracos em Brasília, onde vivem famílias de operários. Taguatinga, uma cidade “satélite” da futura capital, não é mais do que uma favela em grande extensão.¹⁸

Na matéria acima, podemos perceber o controle e seleção por parte do Estado acerca do perfil do migrante em Brasília: “os trabalhadores são selecionados, então, de forma que praticamente explicita o tipo de operário requerido e que viverá em alojamentos coletivos de grandes acampamentos: homens jovens, com saúde e sem família. ” (RIBEIRO, 2008, p.22). Vejamos o depoimento do senhor João Vasconcelos acerca do perfil dos migrantes que eram levados a Brasília.

João: Nem mulher... nessa viagem só foi homem, que era pra trabalhar em firma mesmo. Era puro homem, o vei não pegava, só pegava gente homem, e era cabra gordo! Pra quando chegar lá ele ir deixar na firma mesmo, ele já tinha o conhecimento na firma.¹⁹

Ainda para Ribeiro (2008) com a ocorrência da seca, inicia-se também uma alocação dessa força de trabalho nordestina pelas diversas frentes de trabalho existentes então, como, por exemplo, a construção da Barragem de Três Marias, em Minas Gerais, e Brasília, que reforça a sua condição de ponto de convergência mais procurada, “A partir desse momento, a função de recrutamento desempenhado pelo Inic passa a se confundir cada vez mais com a de repressão ao fluxo para o local e com uma exacerbação da seleção dos migrantes e possíveis trabalhadores em Brasília.” (2008, p. 89). Uma das medidas para dar acesso ou território foi a construção de estradas como Brasília- Anápolis, esta que foi a primeira rodovia asfaltada e representou a principal via de ligação do território da construção com outros centros do país. Segundo Sousa (1983), no início de junho de 1958, a cidade recebeu 4.000 falgelados, da seca nordestina, em busca de comida e trabalho, ao longo da estrada Brasília-Anápolis, em menos de 8 dias se instalaram cerca de 4.000.

O jornal *Correio da Manhã* de 30/12/1958 traz a seguinte Manchete: “*Brasília e Anápolis: terra verde para os flagelados do nordeste*”. A matéria trata da “Operação Flagelado”, operação realizada pelo departamento de imigração-INIC em parceria com

¹⁸ *Chegam a Brasília 90 pessoas por dia. FOLHA DA NOITE. 13/08/1958.*

¹⁹ João Raimundo Vasconcelos. Agricultor, ex- servente e ex- carpinteiro da Construtora PACHECO Fernandes Dantas, no Distrito Federal. Entrevista realizada, em 27/01/2013 em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

Marinha e a Força Aérea Brasileira. Segundo consta, foram realizados 30 dias de trabalho para retirar treze mil “flagelados vitimados pela sêca” da Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza. Os problemas causados pela superlotação da hospedaria, que suportava uma quantidade máxima de 300 mil pessoas, são utilizados como argumento que obrigou o departamento de imigração a tomar medidas urgentes para evacuar os flagelados e enviá-los a terras melhores onde pudessem trabalhar e viver.

A matéria apresenta ainda a fala de Aníbal Teixeira, chefe do Departamento de Imigração do INIC, em que ele agradece à marinha, à FAB e ao Ministério da Saúde pelo apoio dado na operação. Consta que à Arquidiocese de Fortaleza também foram destinados recursos para serem distribuídos entre as paróquias do Ceará. Os recursos eram para ser empregados no interior do Estado, visando evitar os descolamentos dos flagelados de sua terra. A matéria trata da atuação dos postos de migração espalhados por todos os estados brasileiros, que eram responsáveis por receber e encaminhar migrantes para outras regiões do país.

Desses postos, ela destaca alguns instalados ao lado da estação de Belo Horizonte, que encaminhava nordestinos para São Paulo e Rio de Janeiro, e principalmente os que se destinavam a Brasília e Anápolis, “À Belo Horizonte chegam diariamente 200 a 300 flagelados”. Não constituíam problema, como aconteceu em Fortaleza, porque eram imediatamente despachados para seus destinos. De acordo com a reportagem os retirantes da hospedaria Getúlio Vargas, foram enviados também ao Rio de Janeiro e a São Paulo. O chefe do departamento acrescenta ainda, que o INIC adotou uma medida que utiliza as cartas de chamada o que de certo modo indica que os retirantes já se encaminhem para a comunidade onde encontrará emprego.

A matéria finaliza anunciando que passando aquela fase o INIC se comprometeria a trabalhar com calma a política de distribuição do flagelado, bem como no aproveitamento do nordestino na indústria, abrindo centros de treinamento industrial em que prepararia operários para a indústria automobilística, “Quanto ao migrante encaminhado para Brasília o Sr. Aníbal Teixeira declarou que são inúmeros os que preferem a futura Capital do País, acrescentando: *“Há muito interesse pelo migrante em Brasília, a ponto de certas firmas emprestarem seus caminhões para transporte de homens que irão trabalhar em construções como pedreiros, marceneiros, etc.”* Eis um trecho da entrevista de um trabalhador entrevistado por Ribeiro que trata dessa questão.

Agora, cearense aqui veio 30 e tanto caminhão de cearense pra trabaia aqui em Brasília. A Espiral (nome fictício de construtora) mandou buscar, que era o engenheiro da Espiral que era o dono das obras, que era cearense e que mandava os caminhões para o

transporte ir e ver. E quem num podia vir ele trazia pra trabaiair aqui em Brasília.
(RIBEIRO, 2008, p. 92)

Segundo consta nas matérias utilizadas e na bibliografia sobre o tema – Ribeiro (2008), Silva (2010) e Sousa (1984) –, o controle na entrada dos trabalhadores em Brasília também se devia ao problema da habitação, que se refletia na escassez de moradias para famílias operárias. Essa escassez de moradia, fazia com que os trabalhadores recém chegados ocupassem áreas previstas para outras funções. Logo o problema da habitação tornou-se um dos principais conflitos entre os trabalhadores e os controladores da produção. Desse modo, era selecionado trabalhadores que pudessem se adequar a moradia provisórias dentro dos alojamentos das companhias empreiteiras

Durante a construção de Brasília, como podemos perceber nos dados do Senso Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística- IBGE, citado por Sousa (1983), mostra que em menos de quatro anos a população do território do novo Distrito Federal passou de 12. 283 pessoas de julho de 1957 para 64. 314 em maio de 1959. Nesse mesmo ano, a população predominantemente masculina estava representada numa quantidade superior a presença feminina, haviam 42. 322 homens, contra 21.982 mulheres, era uma população oriunda principalmente dos Estados de Goiás, Minas e Bahia. De acordo com Sousa (1983) a presença desse público, especialmente masculino, com idade média de 22,2 anos de idade representa o caráter da demanda de força de trabalho exigido em Brasília.

Para Ribeiro (2008) a essa população notadamente masculina, principalmente solteira, foi necessária prover moradias, e foram os alojamentos dentro dos acampamentos das construtoras a solução mais comum encontradas para concentra-los nas proximidades das obras, passando a viver sobre o controle e vigilância tanto dos donos das empreiteiras como da Guarda Especial de Brasília- GEB.

Considerações

Esse trabalho é uma discussão preliminar, que visa discutir como os trabalhadores do município de Coreau se inseriram na política de Estado promovida pelo Governo Federal a partir do ano de 1958 durante a construção de Brasília. A política de controle exercida pelo INIC e pela NOVACAP desde recrutamento e seleção foi responsável pelo tipo de trabalhador que predominou em Brasília: homens jovens e de preferência solteiros, com condições de exercerem o trabalho necessário para a construção de nova Capital Federal.

Pelo que podemos observar, os trabalhadores de Araquém adentraram o território da construção através do afluxo organizado, esse recrutamento de pessoas nas suas cidades de origem era uma forma de controle por parte da Novacap, que selecionava os trabalhadores de forma a se adequarem ao projeto Brasília. Os trabalhadores evidenciados nessa pesquisa

representam esse perfil de trabalhador requerido para o trabalho na nova capital, onde passaram a viver em um ambiente marcado pela ausência de lazer e com um intenso ritmo de trabalho. É importante ressaltarmos que esses trabalhadores, após a inauguração da cidade voltaram ao Ceará, como muitos não tiveram o direito de morar na cidade que construíram.

Entrevistas

Carlito Cardoso. 78 anos, agricultor, ex- servente da Construtora PACHECO Fernandes Dantas, no Distrito Federal. Entrevista realizada em 28/08/2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

Domingo Teles de Albuquerque, 70 anos. Coreauense, agricultor, ex- servente da Construtora PACHECO, no Distrito Federal. Entrevista realizada em sua residência em Araquém, 05/06/2013.

José Gerardo Portela. Ex- servente da Firma PACHECO. Entrevista realizada em 05/01/2013 na sua residência, no Distrito de Araquém- CE. .

Benedito Teles Moreira. Ex- carpinteiro da Firma PACHECO. Entrevista realizada em 28 de Agosto de 2011, em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú. CE

João Raimundo Vasconcelos. Agricultor, ex- servente e ex-carpinteiro da Construtora PACHECO Fernandes Dantas, no Distrito Federal. Entrevista realizada, em 27/01/2013 em sua residência, no Distrito de Araquém/Coreaú.

Jornais

Impedidos de chegar a Brasília. **O GLOBO.** 31/07/58. Disponível no Arquivo Público do Distrito Federal.

Brasília que não Será inaugurada. **O ESTADO DE SÃO PAULO.** 11/05/58, São Paulo. Disponível no Arquivo Público de Distrito Federal.

Chegam a Brasília 90 pessoas por dia. **FOLHA DA NOITE.** 13/08/1958. Disponível no Arquivo Público do Distrito Federal.

Brasília e Anápolis: terra verde para os flagelados do nordeste. **CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 30 12/1959. Disponível no Arquivo Público do Distrito Federal.

Revista

O pesadelo da conformidade como se padroniza metas, mentes e sonhos. **VISÃO.** 09/10/1959. Disponível no Núcleo de Pesquisa e Documentação Histórica-NEDHIS. Laboratório do Curso de História, da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Audiovisual

Primeiras imagens de Brasília. Atlântida e Jean Manzon Films. Disponível no Arquivo Público do Distrito Federal.

Referências

NEVES, Frederico de Castro. *A seca na História do Ceará.* In: Uma Nova História do Ceará. Simone de Souza (org.). UFC: Fortaleza, 2002.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

SILVA, Luiz Sérgio da. *A Construção de Brasília: modernidade e periferia.* 2ª ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.

SOUSA, Nair Heloísa Bicalho. Construtores de Brasília: Estudo de Operários e sua Participação Política. Petrópolis: Vozes, 1983.